

## HOMENAGEM A ENGELS NO CENTENÁRIO DE SUA MORTE

*Bento Itamar Borges\**

**Resumo:** Esta conferência homenageia F. Engels no centenário de sua morte. Chama-se inicialmente atenção a traços de sua juventude e de sua formação e, em seguida, aborda-se com simpatia a duradoura amizade entre ele e Marx, que resultou em intensa colaboração intelectual. Da obra de Engels, destaca-se a teoria das crises cíclicas do capitalismo.

**Abstract:** This lecture is intended as a celebration of F. Engels death centennial. The author focuses at first on traits of his education, and then reveals his friendly relationship with Marx, that turned out to be a lifelong intellectual cooperation. Among this works, somewhat inevitably influenced by Marx, the theory of capitalistic crises is then emphasized.

Friedrich Engels morreu dia 5 de agosto de 1895, em Londres, onde também morrera Karl Marx, doze anos antes. Os dois trabalharam tão entrosadamente durante quatro décadas, que em algumas obras assinadas por ambos é impossível distinguir a quem se deve atribuir uma ou outra passagem, bem como é difícil avaliar a influência de um sobre o outro. Todavia, é de Marx que aquela teoria social derivou seu nome. Para os estudiosos, coube geralmente a Engels o posto de colaborador e editor, quando não também a ingrata suspeita de falsificador da obra do parceiro. Outra ingratidão cometeu a história tirando Engels da agenda cultural, hoje seduzida por discursos de autoflagelação da razão. Todavia, ele certamente aceitaria sua própria aparente obsolência, para não barrar o movimento histórico, cujas leis ele tanto cuidara de descobrir. Seis anos após o centenário da morte de Marx, quando grandes auditórios ainda eram atraídos ansiosos pelo pós-modernismo e o anunciado fim da história, caiu o Muro de Berlim, ao mesmo tempo que ruía grande parte do socialismo até então “realmente existente”. As livrarias puseram então em liquidação as obras completas de Marx e Engels, numa época em que a sociedade já desqualificava os grandes

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

discursos utópicos, inclusive aqueles que pretenderam se passar por grande ciência.

## **Simpatia**

O orador deve tornar simpático seu homenageado. Chamo de simpatia o que senti, por exemplo, ao ouvir certa vez uma comunicação sobre Rosa Luxemburgo, que relatava estudos sobre sua correspondência do cárcere; comoveu-me a imagem da militante corajosa e inteligente, solitária em sua cela, pedindo informações sobre sua gatinha Mimi.

Tornar o homenageado simpático à platéia. Mas não basta relatar que Engels tinha um cachorro chamado Dido, o qual certamente ia com o dono à caça à raposa. Ora, a revelação desta curiosidade sobre o filósofo pode até torná-lo antipático, já que tal esporte nobre corresponderia ao que hoje é, digamos, correr de jetski. Portanto, além de sua vida, particularmente interessante para os biógrafos, teremos que homenagear sua obra, tão intrinsecamente ligada à de Marx.

O que pode agradar ao leitor de uma biografia de Engels é, inicialmente, essa sua estranha benevolência de empresário que se interessa pelo movimento operário. E certamente sua militância não se destinava a irritar o pai, como poderia entender uma psicanálise apressada. É igualmente notável a grande e duradoura amizade que o levava a pagar as contas de Marx e, sobretudo, que resultou na responsabilidade de publicar a obra que Marx deixara incompleta ao morrer. Por fim, nosso homenageado merece mais uma lauda para que se registre um traço a mais de sua magnanimidade, a saber, a humildade. Humilde ele foi o bastante ao se comparar ao parceiro de tantos escritos e de tantas lutas, quando disse: "Marx era um gênio; nós, quando muito, tínhamos talento."

Procuraremos aqui, portanto, homenagear o homem e sua obra, sem contudo tentar desdizê-lo no que se refere à genialidade de Marx, e sem desperdiçar o fruto do talento que ele legou à posteridade, pois afinal, teremos que tentar fazer a crítica que ele próprio teria feito a sua obra cem anos depois. Seria uma ingratidão à memória dele querer acrescentar-lhe alguma glória por meio do elogio incondicional de sua obra, pois o que ele escreveu e editou foi também produto de outro século. Ao mesmo tempo, esquecer tais textos seria uma afronta a nossa própria inteligência, já que os cem anos do repouso de Engels não registraram ainda o fim dos paradoxos e da injustiça, que incitaram sua mentalidade científica e sua esperança revolucionária e humanitária.

## Juventude de Engels

A melhor biografia de Engels foi escrita por Gustav Mayer, após uma pesquisa de trinta anos. Mayer era profundo conhecedor da história operária e socialista alemã no século XIX.<sup>1</sup> O primeiro volume saiu em 1918, mas foi obscurecido pelos acontecimentos ligados à primeira guerra. O segundo volume foi publicado em 1932 e logo recolhido pelos nazistas. Além disso, a biografia sofreu o desprezo dos estudiosos comunistas, porque Mayer não era marxista, embora ele houvesse proposto apenas uma reconstrução analítica. Essas peripécias explicam em parte a dificuldade de se julgar a obra de Engels, bem como indicam algumas pistas para a compreensão da apropriação de sua obra.

Em alguns casos não é fácil - e, até certo ponto, não é necessário - querer identificar de maneira estrita na obra de Marx e Engels o que foi de autoria de um ou de outro, embora, é claro, as duas obras não se sobreponham. Todavia, é possível reconhecer o estilo de um e outro e saber que em alguns casos houve entre eles uma certa... divisão do trabalho. Por exemplo, em algumas obras, Marx cuidou das citações em grego, e, como relata G.S. Jones, em uma de suas primeiras cartas a Marx, em 1845, Engels combinava como iriam criticar o livro de Friedrich List: Engels se propunha a enfrentar as conseqüências práticas da teoria de List, enquanto esperava que Marx insistisse "mais nas **premissas** que nas conseqüências"<sup>2</sup>

A comparação entre eles aparece até mesmo em dados biográficos encontráveis em textos sobre Engels. É sem dúvida importante comparar o ambiente familiar e a região da Alemanha em que cada um nasceu, bem como acompanhar o itinerário de cada um até 1844, quando os dois se encontraram. Daí em diante, de certa forma tiveram um ambiente social e político comum, onde desenvolveram uma temática e um método que foram se tornando cada vez mais unificados.

Engels nasceu em 1820 na cidade de Barmen, na região de Wuppertal, Alemanha. Era, portanto, dois anos mais novo que Marx. Filho mais velho de um dos mais importantes industriais da cidade, Engels seguiria também a carreira de negócios, indo aos dezoito anos para a cidade portuária de Bremen, onde fez um estágio em uma firma de exportação e importação. Em seguida, aos vinte e dois anos, foi para a Inglaterra, onde permaneceu durante vinte e um meses junto à firma Ermen & Engels, em Manchester.

---

<sup>1</sup> G. MAYER, *Friedrich Engels, eine Biographie*, 2 vols., Haia 1932; reeditada em Colônia 1969, citado em JONES, G. S. "Retrato de Engels" in HOBBSAWM, Eric J., *História do marxismo*, vol. 1, p. 377.

<sup>2</sup> JONES, G.S. "Retrato de Engels", p. 385-6

Engels viveu logo em sua juventude uma experiência de crise econômica que afetou sua cidade natal, ao mesmo tempo que suas convicções intelectuais em formação eram desestruturadas por uma rebeldia ávida de crítica. Barmen, sua cidade, tivera certa importância na manufatura têxtil, chegando a ser comparada com Manchester, “a partir do período napoleônico, todavia, o comércio de Barmen entrou num longo período de crise, em decorrência de sua dependência do mercado mundial controlado pelos ingleses. Do ponto de vista social, a população foi ameaçada pela carestia, por uma redução do nível de vida e pela intensificação do ritmo de trabalho; tudo isso pontilhado por freqüentes períodos de desemprego. No plano religioso, isso redundou no desgaste do estável governo eclesiástico. Os pequenos artesãos a domicílio e seus aprendizes, a cada dia mais oprimidos pelo ‘pauperismo’, sentiram-se atraídos por seitas milenaristas, enquanto muitos caíram num estado de semidesespero, exacerbado por um aumento brutal do consumo de Schnapps (aguardente) de baixo preço. Enquanto a pregação se tornava cada vez mais apocalíptica e emotiva, a tradicional elite dos mercadores começou a retirar-se do governo ativo da igreja. Foi com este pano de fundo que Engels, aos dezenove anos, lançou seu primeiro ataque, sob pseudônimo, contra o filisteísmo dos crentes de Wuppertal.”<sup>3</sup> Seguindo a tendência da época, influenciado por correntes literárias intimamente ligadas aos temas religiosos e políticos, Engels estreou nas letras manifestando “uma revolta estética contra a mesquinhez do mundo dos comerciantes”<sup>4</sup>, que sob o pietismo e o conservadorismo se contrapunham às correntes liberais racionalistas e à crítica bíblica pós-hegeliana. Todavia, não lhe seria fácil desfazer-se da educação religiosa, tema que ainda em Bremen, aonde fora para aprender comércio, era predominante em suas cartas. Para afastar-se do cristianismo ortodoxo, adotou inicialmente a leitura do liberal Schleiermacher e, depois, de Strauss. “Uma coisa é certa: não podia simplesmente abandonar a fé; podia renunciar à fé só depois de haver encontrado outra. (...) Strauss abriu-lhe a porta de Hegel, e sua primeira relação com Hegel foi semelhante a uma conversão religiosa. (...) Em 1841, ao deixar Bremen para um ano de serviço militar em Berlim, já era um jovem hegeliano entusiasta; logo substituiu o Hegel panteísta pelo Hegel ‘secretamente ateu’, tornado-se um

<sup>3</sup> JONES, G. Stedman. Retrato de Engels, in: HOBBSAWM, Eric J., **História do marxismo**, vol. 1, *Ibid.*, p. 389. As informações históricas sobre Engels aqui transcritas a partir de Jones provêm certamente da clássica biografia escrita por G. Mayer (**Friedrich Engels, eine Biographie**, 2 vols., Haia, 1932; reeditada em Colônia, 1969), embora outros biógrafos estejam indicados.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 389

dos membros mais apocalípticos dos 'livres'".<sup>5</sup> Daí a Feuerbach foi um passo, guiado pela "ação libertadora" que lhe trouxera a leitura de **Essência do cristianismo**. O efeito dessa descoberta não foi ainda o da crítica de Feuerbach a Hegel, e sim, a "transformação da teologia em antropologia, sua religião humanista"<sup>6</sup>. Tanto é assim que até seu encontro com Marx em Paris, em 1844, seus escritos seguiam sempre uma metodologia hegeliana, embora já desprezasse partes da doutrina de Hegel, como sua teoria do Estado, que lhe parecia mais um elemento do sistema conservador de Hegel, mas não de seu método.

### **Entusiasmo com a indústria e mudança de perspectiva teórica**

Se esta rápida referência bibliográfica serviu-nos para situar as origens da guinada de Engels para a antropologia, de cujos parâmetros nunca se afastou completamente, é hora de nos referirmos a uma segunda conversão em sua vida, desta vez provocada não tanto por uma experiência de crise em um ambiente decadente, mas antes, pelo contrário, estimulada pelo entusiasmo com a **grande indústria** que veio a conhecer em Manchester. "Vivendo em Manchester, por assim dizer, eu pegara com as mãos que os fatos econômicos, que até então a historiografia desprezara, constituem uma força histórica decisiva, pelo menos no mundo moderno; que eles formam a base das origens dos atuais contrastes de classe; que esses contrastes de classe, por seu turno, nos países onde, graças à grande indústria, se desenvolveram plenamente e portanto especialmente na Inglaterra, formam a base dos partidos políticos, das lutas partidárias e portanto de toda história política."<sup>7</sup> Este trecho escrito quarenta anos depois do acontecido certamente minimiza as dificuldades de compreensão de uma nova realidade, que não se dava tão diretamente a conhecer. A recordação generosa passa ao largo das dificuldades de mudanças de perspectivas intelectuais, pois o jovem aprendiz de relações comerciais levava na bagagem para a Inglaterra em 1842 os pressupostos do "comunismo filosófico alemão".

Ainda na Inglaterra, sob influência da leitura de Fourier, Owen e Carlyle, Engels escrevera ensaios preocupados com a miséria dos ingleses, tão grande

---

<sup>5</sup> Ibid., p.390-91

<sup>6</sup> Ibid., p. 392

<sup>7</sup> ENGELS, *Per la storia della Lega dei comunisti*, in: MARX e ENGELS, *Opere scelte* cit. p. 1085 (apud JONES, G. S, op. Cit., p. 394)

quanto sua riqueza, que os levava a morrer de fome “entre paredes de ouro e celeiros repletos”<sup>8</sup>. A injustiça de tal estado de coisas era atribuída aos efeitos da propriedade privada e da ambição humana que move a concorrência. Após quase dois anos em Manchester, de volta a Barmen, Engels redige em 1844 e 45 **Situação da classe operária na Inglaterra**, a partir das anotações que levava consigo ao continente. O ponto de partida já havia mudado, embora Engels não pudesse justificá-lo satisfatoriamente; tratava-se agora de adotar as modificações históricas trazidas pela grande indústria no século XVIII: “A pequena indústria criou a classe média, a grande indústria criou a classe operária e colocou no trono os poucos eleitos da classe média, mas somente para um dia poder mais seguramente fazê-los cair”.<sup>9</sup>

É desse período um artigo que viria a ter sobre Marx uma grande influência, a saber, o opúsculo intitulado **Esboço de uma crítica da economia política** e que fora publicado em 1844 nos **Anais franco-alemães**. Esse projeto editorial de nome tão pomposo e plural, que teve, na verdade, uma única edição, “visava a dar vazão à produção teórica e política da oposição democrática radical ao absolutismo prussiano”<sup>10</sup> e tinha como editores Marx e Arnold Ruge, figura de destaque da esquerda hegeliana. Pouco antes, entre 1842 e 1843, Marx estivera no cargo de redator-chefe da **Gazeta Renana**, um jornal financiado pela burguesia de orientação liberal, até que, por problemas com a censura prussiana, o jornal foi extinto. Foi nessa época que se transferiu para a França e publicou o número único dos tais **Anais franco-alemães**, com o citado artigo de Engels, classificado mais tarde por Marx como genial.<sup>11</sup> O **Esboço** de Engels focalizou as obras dos economistas clássicos ingleses como “expressão da ideologia burguesa da propriedade privada, da concorrência e do enriquecimento ilimitado. Ao enfatizar o caráter ideológico da Economia Política, negou-lhe significação científica.”<sup>12</sup> Por essa época, Marx mudava sua perspectiva liberal-burguesa, em direção ao comunismo, e recebera assim de Engels um impulso em sua atividade teórica: “a crítica da economia política enquanto ciência surgida e desenvolvida sob inspiração do pensamento burguês.”<sup>13</sup>

---

<sup>8</sup> Idem., **La situazione dell'Inghilterra. “Past and Present” di Carlyle**, in **Opere cit.**, vol. 3, p. 435

<sup>9</sup> Idem., **La situazione della classe operaia in Inghilterra**, in **Opere cit.**, vol. 4, p. 260.

<sup>10</sup> GORENDER, “Apresentação”, p. X

<sup>11</sup> Ibid., p. X

<sup>12</sup> Ibid., p. X

<sup>13</sup> Ibid., p. X-XI

## A obra comum dos dois amigos

O primeiro fruto da colaboração de Marx e Engels foi o livro **A sagrada família**, também escrito em 1844 e princípios de 1845. O texto é polêmico, sarcástico até no título, e assinala o rompimento com a esquerda hegeliana, ou seja, enquanto esta depositava as esperanças de renovação da Alemanha nas camadas cultas, aptas a alcançar uma consciência crítica, Marx e Engels enfatizaram a impotência da consciência crítica que não se tornasse a consciência dos trabalhadores. E, neste caso, só poderia ser uma consciência socialista.<sup>14</sup> Apesar dessa ruptura com a esquerda hegeliana, a presença do humanismo naturista de Feuerbach ainda era forte. Vale notar ainda uma peculiaridade de **A sagrada família**: é que ali Proudhon ainda era defendido por Marx, com quem se encontrava sempre em Paris. Proudhon seria mais tarde atacado drasticamente em **Miséria da filosofia**.

Entre 1845 e 46, período repleto de conversões teóricas, enquanto conviviam com as seitas socialistas francesas e a resistência alemã que conspirava contra a monarquia prussiana, Marx e Engels escreveram um livro para colocar ordem nas idéias. Com o título de **A ideologia alemã**, o livro não encontrou editor, inclusive porque nessa época Marx fora expulso da França por atividades subversivas. Vem dessa circunstância a célebre passagem que Marx escreveria em 1859, a respeito das dificuldades de publicar **A ideologia alemã**. Marx disse que de bom grado ele e Engels entregariam o manuscrito à crítica roedora dos ratos, dando-se por satisfeitos com terem posto ordem nas próprias idéias<sup>15</sup>. Só em 1932, o livro viria a ser publicado pela União Soviética.

Outra importante obra escrita a quatro mãos foi o **Manifesto do partido comunista**, publicado no início de 1848. A obra foi feita sob encomenda para a Liga dos Comunistas, formada por alemães refugiados na França. Marx e Engels haviam ingressado nessa Liga e aceitaram com entusiasmo a tarefa de apresentar os objetivos socialistas dos trabalhadores. Marx, em especial, estava bastante envolvido com o movimento operário, havendo trabalhado na proposta de reivindicações salariais, embora ainda seguisse uma interpretação socialista da teoria econômica burguesa de Ricardo. A publicação do **Manifesto** coincidiria com eventos históricos da maior relevância, pois a queda da monarquia de Luís Felipe na França provocara uma série de movimentos

---

<sup>14</sup> Ibid., p. XII

<sup>15</sup> Ibid., p. XIII

insurrecionais na Alemanha, Hungria, Áustria, Itália e Bélgica. Na Alemanha, a monarquia se viu obrigada a aceitar uma assembléia parlamentar que funcionaria em Frankfurt. Marx e Engels se puseram em ação, voltando à pátria. Marx retomou a tribuna da imprensa, fundando e dirigindo a **Nova gazeta renana**, de onde defendia “uma perspectiva proletária socialista no decurso de uma revolução democrático-burguesa”. O jornal teve vida curta e, diante da repressão, Marx voltou para Londres em fins de 1849. Engels, que chegara a pegar em armas junto a um exército de insurretos, logo debelado, foi parar novamente na Inglaterra.

O **Manifesto** foi amplamente difundido e traduzido para diversas línguas. “Num estilo que até hoje brilha pelo vigor e pela concisão, o **Manifesto** condensou o labor teórico dos autores em termos de estratégia e táticas políticas, de tal maneira que o texto se tornou um marco na história do movimento operário mundial.”<sup>16</sup> Foi enorme o impacto do panfleto. Sua tão famosa frase, que é, aliás, a última, veio a ser o epitáfio do túmulo de Marx em Londres: “Proletários de todos os países, uni-vos!”

Marx e Engels consideraram o **Manifesto** documento de uma época que não poderia ser alterado, como se pode ver no prefácio à edição alemã de 1872. E em 1883, ao lançar uma nova edição alemã, Engels lamenta ter que assinar sozinho o prefácio, pois “Marx descansa no cemitério de Highgate, e sobre seu túmulo já cresce a primeira grama” e reafirma que, desde a morte de Marx não se poderia mais falar em reelaboração ou complementação do livreto. Todavia, Engels aproveitou para reafirmar o pensamento central do **Manifesto**, que “pertencia única e exclusivamente a Marx”, a saber, que a luta de classes entre exploradores e explorados tinha atingido um degrau tal que não seria mais possível libertar das garras da classe exploradora a classe explorada, sem que ao mesmo tempo toda a sociedade se libertasse para sempre da exploração, da opressão e das lutas de classe.<sup>17</sup> Engels mantinha diante desse pensamento fundamental um entusiasmo admirável, que, contudo, não o levava a alterar a história passada, no que ela teve de precário para o movimento operário. No prefácio à edição alemã de 1890, Engels se lembra que a palavra de ordem lançada 42 anos antes às vésperas da Revolução de Paris - “Proletários de todos os países, uni-vos!” - fora respondida por pouquíssimas vozes. Todavia, servia como testemunho da força do movimento operário organizado a conquista das oito horas de trabalho por dia, proclamada no congresso da Internacional em Genebra em 1866 e ratificada e legalizada

---

<sup>16</sup> Ibid., p. XVI

<sup>17</sup> MARX - ENGELS, *Manifest der Kommunistischen Partei*, p. 4-5



três anos depois no Congresso dos Trabalhadores em Paris. E Engels conclui seu prefácio, comemorando essa vitória e evocando com um suspiro o grande amigo: "Oh! Se Marx ainda estivesse a meu lado, para ver isso com seus próprios olhos".<sup>18</sup>

Após a onda revolucionária de 1848, triunfou a reação burguesa aristocrática. "Marx relacionou o refluxo à nova fase de prosperidade, que sucedia à crise econômica de 1847-48, e considerou ser preciso esperar a crise seguinte, a fim de colocar na ordem do dia objetivos revolucionários imediatos".<sup>19</sup> É aí que começa de fato a tarefa obsessiva que ocuparia Marx pelo resto de sua vida, a saber, "a de elaborar a crítica da Economia Política enquanto ciência mediada pela ideologia burguesa e apresentar uma teoria econômica alternativa, a partir das conquistas científicas dos economistas clássicos"<sup>20</sup>. Marx estava no lugar certo, pois Londres era o centro do capitalismo mais desenvolvido do mundo e ali ele podia também contar com o British Museum, onde passou a consultar regularmente seu rico acervo bibliográfico. Era tão grande a dedicação de Marx ao desenvolvimento de seu empreendimento teórico, que em 1865 ele deixou de ir ao Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizado em Genebra; ficou cuidando dos retoques do Livro Primeiro d'**O Capital**, que veio a ser publicado em 1867. À obsessão do autor corresponderia logo a extrema dedicação do editor Engels, que passaria o resto de sua vida conferindo informações tão precisas como o preço do algodão num determinado ano de crise, reunindo notas soltas e sofrendo para decifrar a "péssima caligrafia dos manuscritos, às vezes incompreensível até para o autor". Sendo assim, mesmo ao editar, Engels teve que assumir um certo grau de co-autoria, mas, segundo avalia Gorender, só o fez com "o máximo de escrúpulo".<sup>21</sup>

Essa dedicação extrema à redação da crítica da economia política significou também para Marx um período de privações financeiras. Para sobreviver, chegou a aceitar a função de correspondente de um jornal de Nova York, até 1862. Mas, sua situação teria sido insustentável e sua obra impossível sem a ajuda de Engels, que voltara a residir em Manchester, onde dirigia a firma do pai. É claro que, devido a isso, sua atividade intelectual se viu reduzida, "mas Engels achava gratificante sacrificar a própria criatividade contanto que fornecesse a Marx recursos financeiros que o sustentasse e à família e lhe

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 18

<sup>19</sup> GORENDER, Loc. Cit., p. XVII

<sup>20</sup> Ibid., p. XVII

<sup>21</sup> Ibid., p. XXIII

permitissem dedicar o máximo de tempo às investigações econômicas. Demais disso, Engels incumbiu-se de várias pesquisas especializadas solicitadas pelo amigo.”<sup>22</sup>

É desse período a volumosa correspondência entre os dois que registrou passo a passo a “tormentosa via de elaboração de **O capital**”, obra que teve, segundo Rosdolsky, de 1857 a 1868, catorze esboços e notas de planos. Marx só conseguia ver publicada a segunda edição alemã, de 1873, com um posfácio. A edição definitiva do Livro Primeiro é a quarta, de 1890, a cargo de Engels, que também cuidou de publicar os Livros Segundo e Terceiro. O plano original previa seis volumes, inclusive um sobre o Mercado Mundial e as Crises, que não chegou a ser escrito. Kautsky reuniu os manuscritos sobre a história das doutrinas econômicas e publicou com esse material entre 1905 e 1910 o Livro Quarto, que seria corrigido pelo instituto de Marxismo-Leninismo e reeditado em 1954. Se considerarmos, então, desde os primeiros esboços da obra em 1857 e até a publicação póstuma deste Livro Quarto, em 1954, passaram-se 97 anos! Nessa tarefa Marx gastou 26 anos e Engels, 38. Em um momento, pelo menos, Marx ficou meio impaciente com seu próprio perfeccionismo e resolveu publicar uma síntese antecipada de sua obra magna. A pressa foi motivada pela expectativa de que uma nova onda revolucionária voltaria a varrer a Europa com a crise econômica de 1857. “Da sofreguidão nesse empenho resultou não mais que um rascunho, com imprecisões e lapsos de redação”<sup>23</sup>; além da mistura de línguas - há parágrafos com duas ou três línguas misturadas na mesma frase. O manuscrito só veio a público graças à União Soviética, entre 1939 e 41, ficando conhecido pelo termo alemão **Grundrisse**, que quer dizer “esboços dos fundamentos”. Essa obra inacabada interessa porque contém elementos que não apareceram n’**O capital** e porque há muitas informações de natureza metodológica. Estamos nos referindo a ela aqui por causa de sua relação com uma crise econômica, na medida em que essa experiência nos permite distinguir uma diferença de concepção entre Marx e Engels diante da crise. Embora Marx visse nesse episódio particular da crise de 1857 uma ocasião propícia para a ação revolucionária, que certamente viria a ocupá-lo, ali mesmo, no manuscrito apressado que preparara em exíguos seis meses, podemos ler que “o capitalismo deverá extinguir-se não pelo acúmulo de deficiências produtivas, porém ao contrário, em virtude da plethora de sua capacidade criadora de riqueza”.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Ibid., p. XIX

<sup>23</sup> Ibid., GORENDER, p. XVIII-XIX

<sup>24</sup> Ibid., p. XIX

## Projeto interrompido e fé no progresso revolucionário

Tratemos, por fim, daquela obra de Engels que pode sem dúvida ser considerada como a mais bem elaborada e substancial. Engels interrompeu a redação de **A Dialética da Natureza** para cuidar do Sr. Eugen Dühring, que queria se passar por inovador e inventor de sistemas teóricos tirados de sua própria cabeça e com função revolucionária. Tal mudança de planos foi, todavia, feita com relutância: no prefácio do **“Anti-Dühring”**, de 1878, Engels se refere a tal tarefa como “descascar um abacaxi”, ou, para ser exato na língua do autor, “morder a maçã azeda”. O amigo Marx, que também incentivara o acerto de contas com o pedante professor Dühring, deu uma ajuda a Engels, escrevendo o capítulo X da segunda seção, sobre economia.

Podemos notar no **“Anti-Dühring”** inúmeras referências à concepção de ciência natural predominante na época e que despertava a admiração de Engels. Todavia, **A Dialética da natureza**, obra inicialmente pensada como uma réplica a Dühring, acabou crescendo e se tornando a primeira grande exposição do marxismo. Ora, de certa forma o projeto interrompido da Dialética da natureza, no qual Marx também colaborou, ficou esvaziado e reformulado pelo livro contra Dühring. Aquele projeto não foi retomado e Engels nunca o publicou. Muitas das condenações que se fazem a Engels, sobretudo de sua pretensa recaída positivista, se devem ao caráter dessa obra não acabada. Há passagens que Engels certamente não teria publicado como constavam no manuscrito.

Conforme o prólogo de J. B. S. Haldane, escrito em 1939 para a edição inglesa, o projeto de Engels era o de examinar o conjunto das ciências sob um ponto de vista marxista. Grande estudioso das ciências, Engels pretendia escrever um grande livro para demonstrar “que na natureza se aplicam (...) as mesmas leis dialéticas do movimento, leis essas que governam a aparente contingência dos fatos históricos”.<sup>25</sup>

Notem que o prólogo de Haldane, um biólogo, avaliou **A Dialética da natureza** sobretudo do ponto de vista dos êxitos e dos equívocos de Engels. As notas do tradutor são uma sucessão de correções e elogios, sobre os equívocos e as “profecias acertadas” e antecipações de Engels. O livro, aliás, tem mais interesse para a história da ciência e a filosofia da ciência, que para a teoria marxista. Todavia, podemos corrigir algumas idéias preconcebidas a respeito dessa obra e de Engels, pois com a ajuda de Haldane, podemos notar, por exemplo, que na equação acima, o modelo dialético é passado da história

---

<sup>25</sup> Engels, **A dialética da natureza**, prólogo de J. B. S. Haldane, p. 8

para a natureza - e não o contrário, como fazem crer certas objeções ao "positivismo" de Engels. Ele pensava que "toda a teoria de Darwin baseada na luta pela vida é simplesmente a transferência, da sociedade para a natureza animada, da teoria de Hobbes do **bellum omnium contra omnes** e mais ainda: da teoria burguesa da livre competição e da teoria da superpopulação."<sup>26</sup> Engels sabia da dificuldade dessa "transferência" e reconhecia os limites de Darwin, como se pode ver nesta passagem: "mesmo os naturalistas da escola darwiniana não conseguem estabelecer uma clara idéia a respeito da origem do homem; isso porque sob essa influência ideológica, não reconhecem o papel desempenhado pelo trabalho nessa mesma origem."<sup>27</sup> O que se depreende, a bem da dialética, é que os cientistas naturais poderiam ter ganho com a leitura da **Dialética da natureza**, e não tanto que a dialética dependesse dos avanços e modelos da ciência natural, mesmo a de orientação evolucionista.

O entusiasmo de Engels com a ciência desenvolvida e aplicada de sua época não era apenas a alegre expectativa de um empresário quanto aos recursos do vapor que ele tanto enfatiza nas imagens de pressão e força, mas sobretudo a constatação da grande indústria como chave teórica decisiva no estudo dos fatos econômicos; o desenvolvimento das forças de produção levariam a produção industrial à crise de superprodução e novamente à prosperidade e, quem sabe um dia, à **derrocada final**. Há nessa expectativa revolucionária um objetivismo justificado, que significava um grande avanço sobre as poéticas reflexões sobre a mão do macaco e a invenção do homem com a ferramenta na mão, bem como sobre o quadro antropológico e ético-humanitário que antes lamentava a propriedade injusta e a concorrência desleal, etc. A confiança de Engels no progresso técnico não deixava dúvidas. Ele via que o vapor, mola-mestra da revolução industrial, era apenas "por enquanto sua mais poderosa ferramenta para transformar a natureza".<sup>28</sup>

Ainda sobre o objetivismo, inclusive em sua relação com a consciência (de classe), trazemos uma contribuição de Oskar Negt. Em um discurso proferido em 1856, na festa do People's Paper (Jornal do Povo), Marx afirmara que "a máquina a vapor, a eletricidade, etc. foram elementos revolucionários de caráter muito mais perigoso que o dos próprios cidadãos Barbés, Raspail e Blanqui"<sup>29</sup> Ou seja, Marx e Engels enfatizam o objetivismo, "numa confiança radical e

<sup>26</sup> Ibid., p. 163

<sup>27</sup> Ibid., p. 222

<sup>28</sup> Ibid., p. 25, prefácio de Engels.

<sup>29</sup> NEGTE, Oskar. "O marxismo e a teoria da revolução no último Engels"; in: HOBBSAWM, Eric V. **História do marxismo**, vol. 2, Oskar Negt, op. cit., p.136

inabalável na eficácia da situação econômica e do desenvolvimento das forças materiais de produção, em sua capacidade decisiva de transformar a consciência”<sup>30</sup> Trata-se de uma categoria **afirmativa**, que não pode ser transformada em categoria crítica (como acreditam alguns marxistas ocidentais marcados pela recusa ao estalinismo.) Afirmativo porque indica a inevitabilidade do nascimento do proletariado e de seu constante crescimento, devido à proletarização de mais camadas dependentes do capital. Também o conceito de trabalho vai da economia para a física e não o inverso. Todavia, os economistas conservadores gostariam de reimportar o conceito de trabalho da física para a economia, reduzindo-o a quilogramas e outros parâmetros puramente físicos.

Para encerrar estes comentários sobre a **Dialética da natureza**, vamos nos referir a uma passagem que concilia em Engels o entusiasmo pela máquina e o velho apelo humanista que sempre encontramos nele. O corpo humano, que realiza o trabalho, “não é uma simples máquina a vapor, que experimenta apenas atrito e desgaste.” Ao final desse apontamento, Engels escreveu entre parênteses: “Rever com cuidado tudo isto”.<sup>31</sup> Ora, é claro que muitos estudiosos de Engels perceberam e criticaram sua paixão pela ciência natural. Seria interessante lembrar que em muitos casos o contexto de discussão era marcado por eventos do ambiente intelectual (como a até certo ponto equivocada *Positivismusstreit*, uma disputa entre sociólogos alemães, por volta de 1960) e por fatos políticos inegáveis, como o estalinismo. Podemos economizar alguma discussão se levarmos a sério as revisões que o próprio Engels fez de suas posições. Vejamos, por exemplo, no prefácio da segunda edição alemã do “**Anti-Dühring**” de 1886, o que Engels pensava sobre as leis dialéticas válidas para tudo: “Não se tratava afinal para mim de construir as leis dialéticas na natureza e sim de encontrá-las nela e a partir dela desenvolvê-las”.<sup>32</sup>

Outra crítica pertinente e bem-vinda a Engels vem de Horkheimer, na medida em que foi o continuador dedicado da teoria crítica neste século e politicamente insuspeito, especialmente após fazer sua autocrítica sobre o estalinismo. Horkheimer diz que Engels acertara em suas previsões quanto ao destino da sociedade burguesa, que veio a se tornar obsoleta já nos anos 30, como igualmente obsoletos se tornaram os proletários. Todavia, Engels errara quanto ao desfecho não-natural de um decurso natural da ordem mundial capitalista. A teoria do **fim do estado** (capitalista) a cargo dos proletários

<sup>30</sup> Ibid., p. 136-7

<sup>31</sup> Engels, *A dialética da natureza*, p. 135

<sup>32</sup> Idem, “*Anti-Dühring*”, p. 24

unidos “nasce de uma situação que ainda era ambígua”: ou a crise leva o estado à falência ou o estado põe a crise para dormir - o que de fato sucedeu foi que o capitalismo de estado afasta o mercado e “hipostasia a crise para a permanência da eterna Alemanha”.<sup>33</sup>

\*\*\*\*\*

Seis anos depois da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e da reunificação do povo alemão, quando os camelôs já devem ter vendido todos os cacos de concreto grafitado do muro, reconhece-se que a história não acabou, é verdade, mas dá-se por encerrado o século XX. Caem no esquecimento de um passado já distante os arautos e protagonistas da era das máquinas e do progresso das forças produtivas que levariam à emancipação humana. Nossa singela homenagem a Engels vai na contramão da mídia, mas é de algum modo pública, na medida em que a academia ainda é um resto de espaço público não totalmente privatizado pelo monstrengo Estado, que Engels esperava ver definhar.

Inúmeros traços da biografia de Engels revelam-no uma pessoa simpática e versátil: além do cachorro Dido, ele tinha em casa um papagaio, orgulhava-se de uma despensa farta, criticava as vantagens e razões da dieta carnívora, em prejuízo dos vegetarianos, e rabiscava caricaturas nas margens de seus textos. Mas é sobretudo sua esperança revolucionária e sua “predição” da morte do Estado que o tornam um companheiro atual. E, enfim, é por isso que sua obra se apresenta simpática.

Todavia, como já não cabem tais arroubos, é hora de concluirmos. Não só o momento que vivemos, árido de utopias, e o tamanho de nossa audiência explicam a singeleza desta homenagem; o orador sabe de suas limitações. Mas espera não incomodar o repouso daquele aqui rememorado.

---

<sup>33</sup> Horkheimer, “Autoritärer Staat”, p. 14

## Bibliografia

- ENGELS, Friedrich. **A dialética da natureza**. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ENGELS, Friedrich. **Herrn Eugen Dührings Umwälzung der Wissenschaft ("Anti-Dühring")**. Berlim, Dietz, 1989.
- GORENDER, Jacob. "Apresentação", in MARX, Karl, **O capital**, volume I; trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo, Abril Cultural, 1983, p. VI-LXXII
- JONES, Gareth S. "Retrato de Engels" in HOBBSAWM, Eric J. **História do marxismo**, vol. 1; Trad. C. N. Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 377-422
- MARX e ENGELS, **Manifest der Kommunistischen Partei**. Stuttgart, Reclam, 1993.
- NEGT, Oskar. "O marxismo e a teoria da revolução no último Engels", in HOBBSAWM, Eric J., **História do marxismo**, vol. 2; trad. Leandro Konder e C. N. Coutinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p.125-177.